

Revista Plan

EDIÇÃO#7
JULHO DE 2011

jovens
Estudantes lideram o
combate ao bullying

comunidade
Maranhão unido
contra desastres

Brincar é direito

Projeto Cambalhotas leva esporte e brincadeira a comunidades da zona rural maranhense e mostra que criança que se diverte é criança que aprende

EDITORA
MOL



www.plan.org.br



Plan Brasil

Conselho Diretor: *Gualberto Aldana, Antônio Pereira, Salete Moraes, Alexandra Aparício, Matthew Calson e Roland Angerer*
Superintendente Nacional: *Moacyr Bittencourt*
Gerente de Programas: *Luiz Rossi*
Gerente de Administração e Finanças: *Carlos Mir*
Gerente de Pessoas e Cultura: *Suzy Oliveira*
Gerente de Construção de Relacionamentos, Comunicações e Grants: *Alexandre Lima*
Coordenadora de Comunicações e Relações Públicas: *Selma Rosa*

Escritório Nacional

Avenida Colares Moreira, 2, sala 1102-A,
cobertura do edifício Planta Tower,
Renascer, São Luís/MA, CEP 65075-441
Tels.: 98 3235-6576 / 3235-6580 / 3227-8342
www.plan.org.br

EDITORA MOL

Diretor Executivo: *Rodrigo Pipponzi*
Diretora Editorial: *Roberta Faria*
Diretora de Arte: *Claudia Inoue*

Revista Plan

Coordenação: *Amanda Rahra e Selma Rosa*
Atendimento editorial: *Amanda Rahra*
Edição e reportagem: *Maurício Monteiro Filho*
Edição de Arte: *Mariana Bolzani*
Design: *Luana de Almeida*
Ilustração: *Anna Cunha*
Coordenação de Produção: *Mica Toméo*
Produção: *Claudine Luz*
Fotos: *Christian Knepper, Leo Caldas e Márcio Vasconcelos*
Foto de capa: *Márcio Vasconcelos*
Tratamento de imagens: *Felipe Gressler*
Revisão de texto: *Eduardo Toaldo*
Impressão: *Brasilform*
Papel: *Reciclato 150 gr. (capa) e Reciclato 120 gr. (miolo)*
Tiragem: *3 mil cópias*

PLÂN

Fazendo valer o direito de brincar

Em 14 anos de atuação no Brasil, a Plan tem viabilizado programas de desenvolvimento comunitário centrado na criança e no adolescente nos estados do Maranhão e de Pernambuco.

Nosso trabalho tem demonstrado o poder do esporte e do lazer na promoção dos direitos das crianças.

Trata-se de uma forma sadia de aprimorar a consciência cidadã, a saúde física e mental, em alinhamento com a Convenção Internacional dos Direitos da Criança (ONU) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Nesse sentido, a Plan vem desenvolvendo o projeto Cambalhotas – Fazendo Valer o Direito de Brincar. Nele, as crianças aprendem sobre seus direitos e melhoram sua capacidade de participação nas discussões sobre assuntos que afetam seu desenvolvimento, divertindo-se em atividades lúdicas de esporte e lazer.



As crianças desenvolvem o raciocínio estratégico, sua criatividade, a expressão corporal e as aptidões artísticas, além da coordenação motora e das habilidades sociais.

O projeto se desenvolve no âmbito de nossa Unidade de Programas de São Luís, Maranhão. Sob a supervisão de educadores físicos, arte-educadores, psicólogos e trabalhadores sociais, as crianças têm acesso a atividades extracurriculares nas escolas e nos centros comunitários de suas localidades.

Os resultados são surpreendentes! As crianças desfrutam de um ambiente de lazer e exploram suas qualidades criativas e a inteligência esportiva. A cultura também é pauta do projeto, pois ocorrem atividades de resgate cultural e oficinas de música, folclore, dança e capoeira. E o gosto pela brincadeira se transforma em altos índices de aceitação e engajamento das crianças.

Moacyr Bittencourt

Superintendente Nacional da Plan Brasil

Quem somos

A Plan nasceu em 1937 para dar suporte a crianças afetadas pela Guerra Civil Espanhola. Hoje é uma das maiores ONGs internacionais de desenvolvimento, trabalhando com 1,5 milhão de crianças. Está presente em 66 países.

Como trabalhamos

A Plan aposta no desenvolvimento autônomo das comunidades em que atua. O enfoque principal é nos direitos das crianças e dos adolescentes, considerados protagonistas desse processo.

Visão

A visão da Plan é a de um mundo onde todas as crianças realizem seu pleno potencial, em sociedades que respeitem os direitos e a dignidade das pessoas.

Missão

A Plan trabalha para conseguir melhorias duradouras na qualidade de vida das crianças menos favorecidas de países em via de desenvolvimento. Para isso, baseia-se em processos que unam pessoas de diversas culturas e acrescentem significado e valor a suas vidas.

A Plan no Brasil

No Brasil desde 1997, a Plan está presente no Maranhão – nas regiões de São Luís, São José de Ribamar, Codó, Timbiras e Peritoró – e em Pernambuco – em Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes. Os projetos da organização atendem mais de 75 mil crianças.

Mobilização de recursos

Sua participação é fundamental para manter nosso trabalho. Você pode contribuir de várias formas: doando, prestando serviços ou divulgando nossos projetos. Entre em contato!

Reconhecimento ao trabalho da Plan

A Prefeitura Municipal de Codó outorgou ao Superintendente Nacional da Plan Brasil, Moacyr Bittencourt, a Comenda Babaçu, honraria máxima do município. Na mesma ocasião, o Rotary Clube de Codó homenageou o Superintendente.

O reconhecimento, que ocorreu em 18 de maio, deve-se à contribuição da Plan na melhoria de diversos serviços públicos, como saúde, educação, economia familiar, lazer e cultura, além do suporte em situações de emergências e catástrofes naturais. Moacyr dedicou o mérito a toda a equipe da Plan e reafirmou o comprometimento com a defesa e a promoção do desenvolvimento comunitário centrado na criança e no adolescente.



© Selma Rosa

Famílias fortalecidas em PE

No dia 02 de junho, uma solenidade encerrou as atividades do projeto Tecendo a Infância em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. O evento celebrou a formação de 1.280 profissionais preparados para construir um ambiente saudável para crianças de 0 a 6 anos e suas famílias, ao longo dos quase dois anos de atividades.

O clima foi de festa entre os 400 presentes. Na ocasião, foi lançado o *Almanaque da Família Brasileira Fortalecida*, que permitirá que a prefeitura do município continue o trabalho iniciado pela Plan, em parceria com o Unicef, a Associação Tempo de Crescer e órgãos do governo municipal.



© Leo Caldas

Mulheres contra a violência doméstica

O projeto Exercício para a Cidadania das Mulheres do Cabo e Jaboatão chegou ao Centro de Referência da Assistência Social Barra de Jangada. Lá, foi realizada, no último dia 24 de maio, uma oficina sobre violência doméstica. O encontro foi organizado pelas secretarias Executiva de Assistência Social e da Mulher de Jaboatão dos Guararapes, junto com a Plan e o Centro de Mulheres do Cabo, entidades executoras do projeto. A iniciativa é voltada para o fortalecimento político, social e econômico das participantes, todas inscritas nos programas de transferência de renda do governo federal. São oito as comunidades beneficiadas, quatro em Cabo e quatro em Jaboatão.



© Leo Caldas



DIREITOS

Diversão é coisa séria

*Em comunidades carentes de espaços de lazer, o projeto
Cambalhotas oferece a crianças de 6 a 11 anos a oportunidade
de aprender brincando e praticando esportes*





Fernanda (segunda da direita para a esquerda), de 8 anos, moradora de Santa Maria, começou a dançar porque achava as roupas bonitas



Capítulo II. Do Direito à liberdade, ao respeito e à dignidade. Artigo 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: brincar, praticar esportes e divertir-se.

É assim que o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei federal 8.069, de 1990, estabelece que brincadeira é coisa séria na vida de uma criança. Jogar bola, pular corda, criar mundos fantásticos com bonecos e carrinhos não são apenas distrações supérfluas: são direitos de meninos e meninas em todo o Brasil.

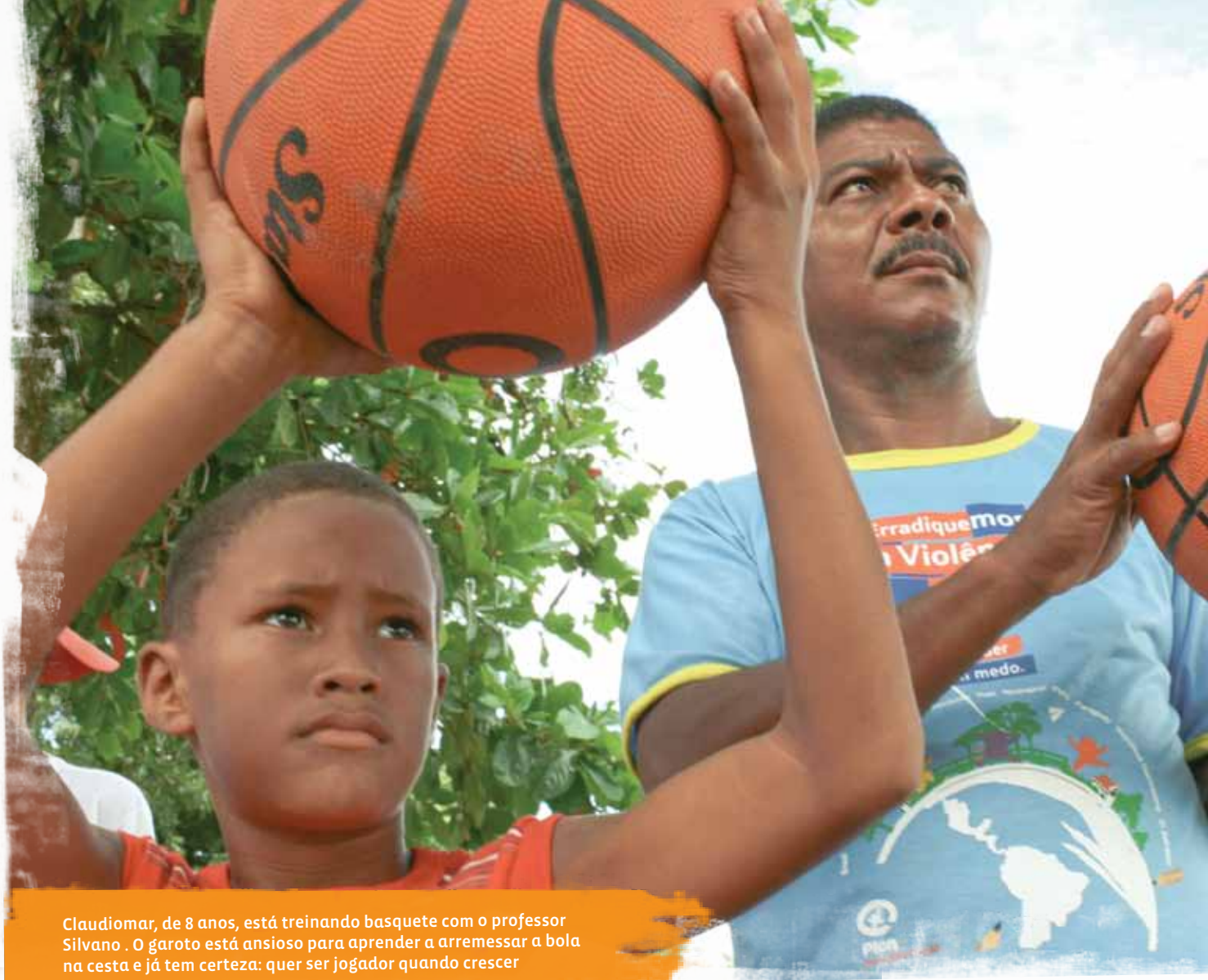
Com uma iniciativa pioneira em seis comunidades da zona rural de São José de Ribamar e São Luís, no Maranhão, a Plan está seguindo à risca essa lei. Implantado desde junho de 2010 em pequenos povoados onde quase não há espaço para lazer, o projeto Cambalhotas – Fazendo Valer o Direito de Brincar educa 300 crianças para o singelo prazer de brincar.

Fernanda Gouveia, de 8 anos, moradora da comunidade de Santa Maria, nunca tinha dançado na vida. “No dia que comecei, fiquei nervosa. Comecei a cair. Caí duas vezes”, diz ela, com voz dengosa. Mas levantou. Estava movida pela beleza que vê nas roupas das bailarinas, que só conhecia pela televisão. “A gente não tinha dinheiro para comprar as roupas”, conta.

No lugar onde Fernanda vive não faltavam só collants, polainas, sapatilhas e meias-calças cor-de-rosa. Faltavam também as salas de madeira impecável, espelhadas, com barras para os exercícios de aquecimento. Mas não falta vontade! E, para quem tem vontade, uma sala improvisada na escola ou às vezes na igreja é quase um Teatro Municipal. Tanto que Fernanda até perdeu o nervosismo. “Já passou. Mas fico ansiosa para ir para a aula. Gosto mais do que de ir à escola”, diz a garota, que quer ser veterinária quando crescer, porque gosta de bichinhos.

Isso não significa que quem faz parte do Cambalhotas pode deixar os estudos de lado. Muito pelo contrário. Levar a escola tão a sério quanto as brincadeiras é condição para participar.





Claudiomar, de 8 anos, está treinando basquete com o professor Silvano. O garoto está ansioso para aprender a arremessar a bola na cesta e já tem certeza: quer ser jogador quando crescer



Afinal, o projeto não quer apenas dar a essas crianças a oportunidade de se divertir. Para a Plan, meninos e meninas que brincam são alunos mais felizes e, por isso, têm melhores desempenhos. Nelma Fonseca, professora na comunidade de Guarapiranga, já percebeu a mudança. “Eles ficam mais envolvidos. Têm um estímulo para vir à escola”, aponta ela. “E a frequência também melhorou”, completa Simone Ferreira, Promotora Comunitária da Plan responsável pelo projeto Cambalhotas.

Para a organização, a iniciativa é um marco. Isso porque, de acordo com Suelma Lopes, Assistente Técnica de Programas da Plan, a instituição sem-

pre desenvolveu projetos voltados para beneficiar as crianças, mas queria intensificar ações que as envolvessem mais diretamente. “O Cambalhotas nasceu do coração delas. Levávamos rede de água, construíamos escolas, mas elas reclamavam da falta de espaço de lazer. A Plan escreveu o projeto para suprir essa necessidade”, explica Suelma.

Além do balé, onde as crianças também aprendem dança contemporânea, acontecem aulas de basquete. Na modalidade também reina o improviso. “Nessas comunidades, não tem quadra. Procuramos a melhor área e criamos o espaço no chão de terra. Em Guarapiranga, é na beira da praia. É basquete de rua. Se não



Crianças que brincam e praticam esportes são mais felizes e, por isso, têm melhor rendimento na escola



tiver aro, a gente inventa. Só a bola de basquete é normal”, conta Silvano Santos, facilitador da modalidade. Numa aula, em Guarapiranga, uma das crianças chegou de mansinho por trás dele e perguntou: “Por que você não vem todo dia?”.

Claudiomar Ferreira é um dos alunos de Silvano. Ele é chamado de *Pelado* em Santa Maria. Por que o apelido? “Porque minha mãe deu, ora.” Aos 8 anos, nunca tinha praticado o esporte. Hoje, mesmo sem saber arremessar, quer ser jogador profissional. “Ainda não jogamos na cesta. Estamos aprendendo polichinelo por enquanto”, conta. E tem certeza que, quando os três irmãos pequenos crescerem, vão querer jogar também.

Toda a comunidade se mobiliza na preparação do espaço, para que, quando os professores cheguem, a aula possa começar logo. Com isso, as famílias dos alunos se aproximam da prática e acabam também aprendendo.

Na segunda fase do projeto, prevista para início em julho de 2011, os pais das crianças se envolverão ainda mais intensamente. A Plan organizará oficinas pedagógicas, focadas nesse público, para discutir diversos temas. Essas atividades nem começaram, e Maria José Gouveia, conhecida como Dona Mocinha, de Santa Maria, é uma das mais empolgadas com a novidade. Ela é avó de Fernanda. “Todo mundo está gostando muito. Quando





Esporte EDUCA

“Em projetos sociais, o esporte é uma ferramenta de educação.” Essa é a teoria por trás da prática do projeto Cambalhotas na visão do psicólogo Rodrigo Falcão, da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte.

Além dos benefícios físicos, outra grande virtude de ações como essa é ensinar valores. “Com boa metodologia, pode-se ensinar cooperação, lazer, respeito às regras, ao convívio social, melhorar a autoestima daquele que se sente excluído e transmitir confiança”, afirma Rodrigo.

E, sim, o esporte aprimora o aprendizado. “A prática desenvolve a concentração e a atenção. E melhora o raciocínio lógico, que está ligado à parte tática”, diz. Para consolidar esses resultados, a proximidade dos pais é valiosa. “Quanto mais vínculo com a família, mais benefício a longo prazo”, completa o especialista.

Além das aulas de basquete e balé, está prevista a construção de parques e brinquedotecas nas comunidades

veem a professora chegando, já ficam daquele jeito. As mães estão muito alegres, porque foi um projeto muito bom que veio para a nossa comunidade”, diz a líder comunitária. Ela falou sobre o Cambalhotas até com o prefeito e com o secretário de Meio Ambiente do município, que garantiu que levaria as crianças para se apresentar na cidade. “Para todos verem que a zona rural está crescendo”, justifica Dona Mocinha.

Foi ela que contou sobre o projeto Cambalhotas para Soiane Cantanhede, mãe de Pelado, que acabou também levando a filha para participar do balé. “O Cambalhotas é bom porque está tirando as crianças da rua”, diz ela.

Em cada uma das comunidades, também estão previstas a implantação de brinquedotecas nas escolas e a construção de parques. Será a própria comunidade que colocará as mãos à obra. Depois de uma capacitação, usa-

rão materiais disponíveis, como pneus, madeira descartada e garrafas PET para construir os brinquedos. Além de Santa Maria e Guarapiranga, são beneficiadas as comunidades de São Paulo, Rio dos Cachorros, Arraial e Jacamim.

Lenimara Mota é a responsável pelas aulas de balé, que não são só práticas. Há também uma parte teórica sobre a dança e o movimento. “Além do trabalho corporal, é um resgate da autoestima. Como eles têm pouca oportunidade, o interesse e o carinho são maiores. Dá vontade de levar todos para casa”, brinca ela.

A brincadeira séria do Cambalhotas também está rompendo tabus. Afinal, quem disse que só menina é que dança? Elenilson Gomes, de 6 anos, é o menino mais novo na turma de balé em Guarapiranga. Muito tímido, ele só se solta mesmo na hora da aula. E já até fala como bailarino. “Gosto dos movimentos. De sentir as articulações.” ●



Joselina foi vítima das enchentes, mas, hoje, já está preparada para lidar melhor com as inundações

Faça chuva, faça sol

Depois de sofrer com desastres naturais, cidades maranhenses aprendem a se prevenir



Joselina Silva Cardoso convive há muito tempo com as enchentes em Timbiras, cidade da região dos cocais maranhenses. Em 1986, depois que a água invadiu sua casa, foi obrigada a se alojar em uma igreja. Em 2009, a história se repetiu. Ela, que tem 1,62 metro de altura, viu a inundação subir até bater em seu peito. Mais uma vez, teve que se mudar.

Hoje, no entanto, ela vive num lugar mais protegido. Sua nova casa já serviu de abrigo a cinco famílias que padeceram com as enchentes. Para que a história não volte a acontecer, em março de 2010, a Plan iniciou o projeto Redução de Riscos e Desastres (RRD). A ideia é capacitar e equipar os chamados Núcleos de Defesa

Civil (Nudecs) nas cidades de Codó, Timbiras e Peritoró. Esses grupos, compostos de 15 pessoas, recebem formações sobre primeiros socorros, defesa civil e informações básicas sobre como lidar com essas tragédias naturais, para que orientem suas comunidades, ficando alertas e buscando abrigo em caso de emergência.

Timbiras, que é o município mais vulnerável, contará com três Nudecs, enquanto as cidades de Codó e Peritoró terão dois cada uma. Seus membros recebem da Plan, cada um, um kit com colete, capa de chuva, lanterna e botas. No fim das capacitações, a Plan entregará a cada município um bote com dez coletes salvavidas para auxiliar em resgates.

“O projeto tem duas fases: uma voltada para o período de chuvas e outra, para a seca”, explica Maria da Piedade, Promotora Comunitária da Plan. Enquanto, na temporada úmida, o problema são as enchentes, na estiagem crescem as queimadas. Por isso, a entidade implantará nos municípios hortas comunitárias que, além de melhorar a renda das famílias, as estimularão a prevenir os incêndios. Outra ação será o reflorestamento de trechos de 200 metros das margens dos rios Itapecuru, em Codó e Timbiras, e Peritoró, na cidade de mesmo nome. “A gente nunca está preparado. Mas, agora, já sabemos como agir e como ajudar melhor os outros”, conta Joselina. ●



JOVENS

Os alunos-líderes Dienne e Paulo (centro) mobilizam colegas em atividade contra o bullying na UEB Cidade Olímpica

Líderes da paz

Ação da Plan une incidência política e ações de conscientização realizadas pelos próprios jovens para espantar o fantasma do bullying escolar



A quinta-feira é o dia oficial de combate ao bullying na Unidade de Educação Básica Cidade Olímpica, bairro carente da zona metropolitana de São Luís, Maranhão. Nesse dia, sempre às 14h, alunos selecionados da própria escola se mobilizam para repassar aos seus colegas tudo o que sabem sobre essa forma cada vez mais comum de violência. E nada melhor do que os jovens para transmitir essa lição. Sempre de forma divertida, por meio de vídeos, peças de teatro, entre outros, eles são os maiores responsáveis por difundir a cultura de paz. Dienne Saraiva Belfort, de 14 anos, é uma dessas alunas líderes. Assim são chamados os dezesseis

selecionados pela direção e pelas próprias classes da UEB Cidade Olímpica que se destacam pelo desempenho e comportamento. Junto com seus vices, eles formam um grupo de 32 encarregados de passar adiante a mensagem do enfrentamento ao bullying. Dienne sentiu na pele o que é esse mal. Portadora de deficiência, ela recebia apelidos maldosos. Mas não se deixou abater. Em 2010, quando uma consultora da Plan a chamou e explicou o projeto *Educar para a paz, aprender sem medo*, ela logo aderiu. “Essa era a escola mais mal falada da região. Mas hoje é considerada uma das melhores da Cidade Olímpica”, comemora Dienne.



O projeto está presente em oito escolas do estado, duas em cada um dos municípios de São Luís, São José de Ribamar, Codó e Timbiras. Isso significa um universo de 3.700 meninos e meninas beneficiados. O trabalho da Plan é dar suporte aos alunos-líderes, preparando-os em oficinas periódicas. Além disso, mensalmente, Cléo Fante, especialista no tema e consultora da organização, visita as escolas para acompanhar o andamento das atividades e fornecer mais subsídios.

Para Creuziane Barros, Assistente Técnica de Programas da Plan, esse contato com os alunos é a maior virtude da iniciativa. “O mais importante é o trabalho com os estudantes, que foram sensibilizados e hoje são multiplicadores de cultura de paz entre seus pares”, analisa.

“Essa é uma forma de inserir os alunos, não apenas os que têm bons desempenhos, mas também os que foram agressores. Assim promovemos uma liderança positiva”, emenda Cléo Fante.

Os resultados são concretos. “Identificamos que, dos 3.700 alunos, 12% estavam envolvidos com bullying. E podemos afirmar que, em menos de um ano de trabalho, já reduzimos em um terço essas ocorrências”, avalia ela. Para chegar a essa vitória, a Plan realizou um diagnóstico pormenorizado caso a caso. Por meio de uma caixinha de denúncias, vítimas ou testemunhas apontaram as agressões. A partir daí, todos os envolvidos foram ouvidos. Em situações mais

graves, a família foi convocada. E profissionais de diversas áreas, como psicólogos e assistentes sociais, foram mobilizados na resolução do problema.

O projeto prevê ações em quatro níveis: incidência política, social, familiar e escolar. De acordo com Creuziane, a entidade já teve sucessos em todas elas. Um exemplo disso foi o pioneirismo da Plan na proposição de leis de enfrentamento ao bullying. Isso levou à aprovação de políticas desse tipo em Codó e Timbiras, em nível municipal, e no estado do Maranhão, em nível estadual. “A criação desses dispositivos coloca a Plan como protagonista da defesa dos direitos de crianças e adolescentes e o Maranhão como estado pioneiro na adesão à causa do combate ao bullying”, diz Moacyr Bittencourt, Superintendente da Plan Brasil.

Agora, a organização sonha mais alto. Em maio passado, apresentou os resultados da campanha na Câmara dos Deputados, em Brasília. “Depois do sucesso na influência em políticas municipais e estaduais, estamos propondo uma legislação federal que tenha abordagem preventiva e não punitiva”, explica Moacyr.

Além disso, a Plan vem realizando grandes eventos sobre o tema. Um deles foi o Seminário Internacional sobre Bullying Escolar e Cultura de Paz. E, em outubro deste ano, a entidade organizará um congresso internacional. O reconhecimento do trabalho da Plan já atraiu o interesse do estado do Rio de Janeiro em

Atualmente, a Plan está propondo a criação de uma lei federal de enfrentamento ao problema do bullying na escola

replacar as metodologias na região do Realengo, palco da tragédia recente.

Quanto mais a Plan avança no combate ao bullying, mais melhora a realidade local nas comunidades onde atua. Paulo de Tasso, de 14 anos, está no nono ano na UEB Cidade Olímpica. Segundo ele, já foi vítima e agressor. “Mas caí na real e vi que podia mudar. O projeto está contribuindo para o desenvolvimento da sociedade, mas também me ensinando a ser uma pessoa melhor”, conta.

É da escola onde estudam Paulo e Dienne que virá a maior homenagem ao trabalho da Plan. Eles farão uma peça de teatro sobre bullying. Dienne será uma das estrelas. E há papéis inspirados em Cléo Fante e na consultora da Plan Leila Rodrigues. A arte imita a vida. ●



Diga não!

Combater a violência nas escolas é o primeiro passo para garantir uma educação de qualidade em um ambiente seguro. O bullying atinge hoje quase 1 milhão de crianças em todo o mundo, causando graves danos ao aprendizado e provocando feridas que podem levar longos anos para cicatrizar.

Por isso, a **sua participação é fundamental**. Juntos, podemos assegurar que muitas crianças possam ir à escola sem medo ou ameaça de violência.

Participe. Divulgue essa ideia. www.plan.org.br



**Aprender
sem medo.**